

NFT – A propriedade no futuro

Christiano Sobral (*)

Você sabe o que atribui valor a um item?

No fim, é a raridade. Imagine que uma criança se aproxima de uma banca que vende bolas, tendo apenas as opções nas cores branca ou vermelha; porém, tendo bem mais brancas disponíveis do que vermelhas. Caso ela pedisse uma bola de graça, qual cor você imagina que o vendedor daria?

Certamente seria uma de cor branca. Nesse caso, o vendedor poderia até cobrar mais caro pelas bolas vermelhas, simplesmente por elas serem as mais desejadas e terem se tornado mais raras. Porém, como adotar essa regra econômica numa realidade como a internet, no qual um mesmo produto, imagem ou vídeo podem ser reproduzidos infinitamente, sem nenhum custo envolvido, e sem que quem os criou seja remunerado pelo seu trabalho?

Na verdade, já existe uma forma de conseguir isso, por meio dos tokens não fungíveis, ou NFTs, que é o uso da tecnologia de blockchain para individualização de itens dentro da rede, por meio da sua representação matemática. Afinal, tudo na internet é originariamente baseado num conjunto de uns e zeros. Esses, numa lógica semelhante aos da identificação pessoal por meio do CPF, podem ser usados para individualizar um item.

A tecnologia Blockchain permite hoje que você registre, de forma indelével, a que carteira, por exemplo, cada bola vermelha pertence. Possibilita também que seja registrado o novo dono, caso você a venda ou transfira, atualizando a informação sem perder o histórico do proprietário anterior.

É isso em toda a rede do blockchain na qual foi feito o registro, o que confere publicidade aos atos. Ou seja, registro disponível de forma transparente para todos os envolvidos, o que possibilita — por exemplo — que cada nova cópia da bola seja corretamente quantificada, viabilizando que os royalties de quem a criou possam ser controlados, cobrados e repassados ao seu criador.

Esse será o modelo pelo qual propriedades no metaverso poderão ser controladas, bens individualizados (e tornados raros) e serviços remunerados pelo uso. Um novo perfil do direito à propriedade ainda em desenvolvimento. Mas não serão só bens digitais que terão esse tipo de registro no futuro. Bens físicos também podem ser representados por números e seguirem o mesmo padrão de controle descentralizado; lógica ideal, por exemplo, para registro de imóveis.

Imagine, em uma só consulta, encontrar todas as transações relativas ao bem que você está adquirindo. Donos anteriores, agravos e liberações disponíveis de forma imediata. A limitação, em especial nos casos de bens públicos, está na definição de qual será a rede de blockchain padrão a ser utilizada. Existem hoje opções que são públicas e outras que são privadas (ou permissionadas), devendo transitar entre esses dois formatos a opção que se tornará padrão, por exemplo, para o meio público.

Quando pensamos na opção pública, esbarramos nos riscos como os relacionados aos dados pessoais, protegidos pela LGPD; pois seriam expostos e permaneceriam disponíveis. Já na opção permissionada, temos a limitação da própria necessidade de um moderador, que será responsável por dar a permissão para participar; não excluindo questões como dados protegidos ficarem disponíveis — ainda que para um grupo mais seleto. Na verdade, no contexto público, sem essa definição clara, a propriedade digital, por exemplo, ficará limitada às transações e registros dentro da rede escolhida. Limitando, por si só, a solução.

Por outro lado, opções no segmento privado, de aplicação dos benefícios relacionados a NFT e a redes de blockchain deverão evoluir e se estabelecer com grande velocidade. Devendo vir das soluções construídas neste universo o caminho para as definições do uso público.

(*) - Law Master em Direito Digital, mestre em Estratégia e especialista em marketing, é advogado e administrador e sócio diretor do Urbano Vitalino Advogados.

Brasileiros passaram férias de julho em casa

A crise econômica e a inflação em alta de quase 12% ao ano parecem ter afetado a programação das férias escolares de julho. Levantamento da TIM feito junto a seus clientes de planos pré-pago na plataforma TIM Ads revela que apenas 19% viajariam durante neste período.

O programa principal seria mesmo ficar em casa, para 18% dos 96,9 mil entrevistados, seguido por visitas a parentes e amigos (17%). Fechando as opções mais apontadas, aparecem idas a cinemas, bares e shows (11%) e passeios culturais e gastronômicos (8%).

O próprio orçamento familiar separado para as férias não permitiria grandes planos. A pesquisa revelou que 24% dos clientes ouvidos gastariam menos de R\$ 500, e 30%, um pouco mais, até R\$ 2 mil. Apenas 19% planejaram gastos entre R\$ 2 mil a R\$ 5 mil. Tanto que só 11% viajariam pelo Brasil e 8% iriam para fora.

De toda forma, 19% contaram que recorreram às redes sociais para preparar as férias. Outros 18% seguiram sugestões de amigos e familiares e 12% costumam consultar sites especializados em lazer e viagens.

Anatel e robocalls: é preciso olhar para quem está do outro lado da linha

É sempre assim: a Anatel implementa uma nova medida e o setor de telemarketing parece se ver diante de uma avalanche

Claudio Coli (*)

Há aqueles que já estavam preparados e outros que sequer pensaram nisso antes. Com a medida cautelar sobre a limitação das robocalls não é diferente. A multa é alta, até R\$ 50 milhões para aqueles que não se adequem às novas regras, que, basicamente, tem um objetivo: cessar as ligações indiscriminadas para o consumidor.

Após uma série de medidas, da Anatel e outros órgãos, como os cadastros “Não Perturbe” e “Não me Ligue”, restrições de dia e horário para acionamento, entre outras, o consumidor continuou se vendo “perturbado”. A pergunta agora é “o que fazer?”. Como empresa de telemarketing, dá para se adequar às medidas da Anatel e ainda conseguir ter uma operação performando bem?

A resposta é sim e, talvez, o mais inesperado é que a própria tecnologia, colocada muitas vezes como vilã, pode ser a responsável por solucionar esta história. Para quem não sabe como funciona, dentro de um telemarketing, há um sistema automatizado que realiza as



As novas regras objetivam cessar as ligações indiscriminadas para o consumidor.

ligações para os números inseridos na base.

Quando esta tecnologia é programada para realizar ligações indiscriminadamente, ou seja, quando o sistema faz mais ligações simultâneas do que deveria, sem levar em consideração diversas variáveis, acontece o hang up, que é quando atendemos o telefone, mas a ligação cai por não ter um operador disponível para falar com a gente.

Olhando assim, a tecnologia pode até parecer a vilã, mas não precisa ser desta forma. Este mesmo sistema

automatizado, tendo as funcionalidades necessárias, com as programações corretas e seu uso consciente, pode ser também o caminho para se adequar à medida da Anatel, encontrando o ponto de equilíbrio entre o sistema regulatório, performance da operação e a preocupação com o cliente do outro lado da linha.

Esta solução automatizada, quando conta com um sistema preditivo adaptativo, adequa o número de ligações ao número de agentes disponíveis, isto de acordo com a efetividade

do mailing, tempo médio de atendimento e mais uma série de variáveis, isso de modo dinâmico e imediato, evitando que clientes fiquem aguardando na linha e, caso não tenha alguém para atendê-lo, que a ligação seja derrubada.

Cabe ressaltar que esse tipo de tecnologia não é uma novidade no mercado, já existe há pelo menos uma década. Mas usá-la de forma estratégica e consciente pode ser o diferencial, não apenas para se adequar à medida da Anatel, mas para entregar uma melhor experiência para usuários que não aguentam mais serem perturbados indiscriminadamente.

Além disso, num mundo em que tanto se fala em experiência do cliente, talvez começar a olhar a operação pela outra ponta, ou seja, pelo lado do usuário do outro lado da linha, seja a solução que a sua empresa precisa para estar preparada para se adequar a esta e outras medidas da Anatel.

Afinal, respeito é bom e todo mundo gosta!

(*) - É CEO na Callflex+VoxAge (www.callflex.com.br).

Por que otimizar a funcionalidade de suas máquinas

Eduardo Miller (*)

Novas tecnologias estão surgindo e remodelando a maneira como trabalhamos todos os dias. No setor industrial, o uso da automação está crescendo e ganhando força. O principal objetivo da automação é ter máquinas que executem tarefas e processos com maior eficiência, entreguem produtos de melhor qualidade e maior satisfação do cliente.

Manufatura aditiva, simulação gráfica 3D, interfaces amigáveis, IoT, conectividade, robótica e recursos avançados facilitam a transformação do processo de usinagem em um processo inteligente, no qual essas são algumas das tecnologias básicas da Indústria 4.0 para a usinagem. Peças com alta exigência de precisão, acabamento superficial, velocidade e sistemas de fabricação flexíveis representam desafios cada vez maiores para o setor de manufatura.

Além da engenharia mecânica e elétrica, software e tecnologia de controle (CNC) eficazes e confiáveis são fundamentais, incluindo sempre novas funcionalidades e prolongando a vida útil dos componentes de uma máquina. Para garantir que as máquinas funcionem sem problemas e que elas possam ter adição de recursos, é fundamental realizar processos de upgrades e inserções de opcionais de software, otimizando a sua funcionalidade.

• **Modernizando produtos legados** - Produtos legados requerem modernização. Caso contrário, eles podem levar a falhas a qualquer momento. No entanto, um produto legado nem sempre é definido por sua idade. Pode ser devido à falta de suporte (sua obsolescência) ou sua incapacidade de atender às novas necessidades de um negócio ou organização que ele é considerado legado.

Muitas empresas continuam usando componentes obsoletos (arquiteturas de hardware do CNC), independentemente da idade ou qualidade das tecnologias subjacentes. O componente funciona bem há décadas e ainda é capaz de lidar com a maioria de suas tarefas. Na verdade, por que consertar se não está quebrado?

Existem muitas razões para “consertar” seus produtos legados. O custo real de execução desse trabalho é o principal entre eles.

Muitas vezes, para otimizar o funcionamento de máquinas-ferramenta e CNCs, a instalação de opcionais de software, como expansões de coordenada de peças, de corretores de ferramentas e de armazenamento de programas, assim como High Speed/High Accuracy Control, são uma solução rápida, simples e que geram uma significativa redução de custo na linha de produção.



Um grande fator para avaliar e melhorar o desempenho das máquinas é o poder de observação dos operadores.

• **Máquinas ganham autonomia** - Analistas da McKinsey destacam que os mecanismos tradicionais usados para controlar a variabilidade das máquinas antes dependiam de processos rigorosos para identificar desvios na produção e na intervenção de operadores qualificados para compensá-los.

No entanto, à medida que as máquinas se tornam mais inteligentes e adaptáveis, elas podem conduzir cada vez mais essa atividade automaticamente, usando sistemas de controle de circuito fechado para garantir consistência à medida que as condições internas e externas mudam. Mesmo assim, a presença humana continua sendo indispensável. Um grande fator para avaliar e melhorar o desempenho das máquinas é o poder de observação dos operadores.

Os funcionários que interagem constantemente com os equipamentos estão na melhor posição para monitorar as condições dos equipamentos. Ao final, o objetivo de investir na atualização (upgrades) e na otimização das máquinas (inserção de opcionais de software) é aumentar a produtividade dentro da fábrica, proporcionar mais qualidade aos produtos fabricados, aumentar o ciclo de vida dos equipamentos e reduzir custos, o cenário ideal para o responsável pela linha de produção.

(*) - É engenheiro de aplicação da Mitsubishi Electric.